



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração  
Praça dos Restauradores, 43 a 49

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial  
Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO: Concursos para pensionistas no estrangeiro — Vencidos que o não sabem ser — No Politeama  
Invenção dos pistons applicados aos instrumentos de metal — Notas vagas — Concertos — Noticiari — Necrologia

## Concursos para Pensionistas no Estrangeiro

(Candidatos mais classificados  
em cada curso)



D. Maria Rey Colaço  
(piano)



D. Maria Julia Fonseca  
(viol. ello)



D. Cacilda Pereira  
(canto)



Alberto Pimenta  
(violino)



José Maria Cordeiro  
(contraponto)

## CONCURSOS

PARA

**Pensionistas no estrangeiro**

Nas datas que aqui anunciamos, realisaram-se no salão de festas do Conservatorio as provas de concurso para pensionistas do Estado no estrangeiro.

Apresentaram-se 15 concurrentes e desistiram 7. Eis o nome dos que tomaram parte nos diversos concursos e as classificações que respectivamente obtiveram. CONTRAPONTO: José Maria Cordeiro (14,8), Pedro F. Costa Pereira (14,5), Ruy Coelho (14,1); VIOLONCELLO: Maria Julia Fontes Pereira de Mello Fonseca (17,6), Manoel Silva (16,1); VIOLINO: Alberto Frederico Pimenta (17), Accacio Pimenta Ramos de Faria (16,3); PIANO: Maria Rey Colaço (18,6), Aida da Silveira (17), Antonio Fragoso, (13,8); CANTO: Cacilda de Sá Pereira (19,3), Carolina Ochôa (17,5), Sarah Marques de Sousa (16,6), Cesarina Lyra (15,5), Valerio de Rajanto (10,6).

Sendo sómente tres as pensões do Estado, cabem ellas aos tres candidatos mais classificados: Cacilda de Sá Pereira (canto), Maria Rey Colaço (piano) e Maria Julia Fontes Pereira de Mello Fonseca (violoncello).

**Vencidos que o não sabem ser**

Corre ahi celeuma grossa a proposito dos concursos ultimamente effectuados no Conservatorio para pensionistas musicos no estrangeiro.

A *Capital*, fallando pela bocca de uma das concorrentes cantoras, diz que aquillo foi um escandalo, uma injustiça manifesta, visto que essa mesma concorrente não obteve a primeira classificação.

O *Seculo*, não menos irado, affirma serem tantas as deficiencias do ensino conservatorioal que urge inquirir e quanto antes reformar. E' uma justa aspiração, mas que não prima pela novidade: ha quinze annos que a vimos proclamando em todos os tons, maiores e menores, sem resultado apreciavel. Mas diz mais o *Seculo* que os concursos, e mórmente os de composição e canto, correspondendo em tudo e por tudo aos defeitos de que enferma o Conservatorio, não podiam deixar de suscitar descontentamentos e protestos.

Ora vejamos isto por miudos que nos parece valer a pena.

E' certo que em volta do concurso de canto, ou por melhor dizer em volta do *verdictum* pronunciado pelo respectivo jury, se creou uma atmospheria de hostilidade, que a muitos se affigura inexplicavel e mysteriosa. Ha quem avenge que se moveram chorudos empenhos em favor de uma das candidatas, que alta personagem poli-

tica recommendára com mal disfarçado entusiasmo. E como o jury se não deixasse emocionar pelo alludido empenho, antes entendesse que nada tem que vêr a politica com estas coisas, logo se espalhou que tão atrevida insubmissão havia de ter o seu castigo.

Isso dizem: e nós outros ainda o acreditariamos se o caso se houvesse dado em tempos... ominosos. Hoje, em plena era de moralidade, não se poderia admittir que viesse da alto o pernicioso exemplo da concussão e da empenhoca.

Não, não pode ser. Mas o certo é que bastou o boato para que a atmospheria se carregasse de duvidas e de desconfianças — optimo ambiente para animar os descontentes e fomentar protestos mais ou menos irrisorios.

E' n'estas condições que nos apparece uma das concorrentes, a sr.<sup>a</sup> D. Cesarina Lyra, queixando-se magoadamente na *Capital* da injustiça que lhe foi feita e annunciando que protestou perante o ministro de instrucção e requereu a annullação do concurso com o fundamento da incompetencia do jury e de anormalidades de varia ordem, que no mesmo concurso se produziram.

Ora este caso da incompetencia do jury merece realmente a nossa attenção e parece-nos, salvo melhor aviso, que o Conselho de Arte Musical, a quem incumbe por lei a escolha dos juries, incorreu em responsabilidades graves se para tal effeito nomeou entidades de competencia dubia e até, co-

mo diz a queixosa, absolutamente ignorantes do assumpto em que tinham de figurar como peritos.

Admira-nos comtudo que S. Ex.<sup>a</sup> não tivesse formulado o seu protesto, *antes* de se haver sujeitado ás provas do concurso, isto é, logo que viu quaes eram os seus incompetentes julgadores. Assim, deixamos S. Ex.<sup>a</sup> suppôr que estava quite a considerá-las como verdadeiras notabilidades d'arte, se tivesse a fortuna de conseguir alguns pontos mais na sua classificação.

Sim, porque isto de competencia, como a bondade, como a belleza, como o talento, como tantas outras cousas, boas e más, de que a nossa pobre humanidade se pode orgulhar ou envergonhar, é uma cousa extremamente elastica que cada qual encara a seu modo e consoante o ponto de vista em que se colloca e as circumstancias especiaes em que se encontra.

Se a sympathica e talentosa cantora tivesse conquistado a primeira das classificações e nos viesse em seguida dizer que o jury era incompetente e ignorante, o caso tinha realmente muito maior gravidade. Assim, vindo a accusação de uma concorrente preterida e desclassificada, como D. Cesarina diz ter sido, e vindo depois de constatado o fracasso, o que é evidentemente tarde, toma a questão um aspecto demasiado pessoal e singularmente suspeito.

Note S. Ex.<sup>a</sup> que não estamos quebrando lanças pela competencia e auctoridade do jury e apenas de passagem lastimaremos que, uma vez elle constituido e aceite, se negue respeito ás suas decisões e ainda por cima se chasqueie pessoalmente cada um dos seus membros.

Na organização d'esse jury não se explica, diz ainda a sr.<sup>a</sup> D. Cesarina Lyra na *Capital*, a ausencia d'um professor italiano. Achamos que se explica muito bem.

Desejaria S. Ex.<sup>a</sup> que figurasse, entre os membros do jury, a sua propria professora, Mad. Mantelli? Não o crêmos: seria o bastante para que todos os beneficios de classificação que S. Ex.<sup>a</sup> merecesse fossem tidos por benevolmente suspeitos.

O professor Sarti então? Mas esse leccionou duas outras concorrentes, D. Sarah de Sousa e D. Carolina Ochôa — duplo motivo de suspeição.

Codivilla n'esse caso. Podia sêr, não tinha lá discipulos; mas era preciso que, mediante os seiscentos e pico que o Estado generosamente esportula em casos taes, elle se dispusesse áquella improficua masada, só pelo prazer de ouvir as quatro descomposturas regulamentares, tantas

quantos os candidatos preteridos. Porque o quinto não se queixa...

Alludiu a *Capital*, ou por outra a sr.<sup>a</sup> D. Cesarina Lyra, a anormalidades varias, que no mesmo concurso se deram. Não cita contudo senão uma — a de, antes da publicação dos resultados, ser o candidato mais classificado avisado de que obtivera 19,3 valôres — e essa é tão pequenina...

Verdade, verdade, n'esse caso, em que a lei é omissa e que não traz prejuizo a pessoa alguma, que vê a sr.<sup>a</sup> D. Cesarina Lyra de inconveniente ou de censuravel? A anormalidade, se existe, não chega a ser *horrendo crime*, nem cousa que se lhe pareça.

Afinal, no tão apregoado escandalo do concurso, está-nos parecendo que entra mais o azedume dos vencidos, a represalia mal humorada dos descontentes, do que propriamente outras causas de mais cabida censura para os que n'esse concurso intervieram como arbitros. Referimo-nos, é claro, ao canto, nada podendo dizer do contraponto, igualmente incurso nas severidades do *Seculo*, por não termos assistido ás respectivas provas e não dispômos portanto do preciso material para uma discussão.

Mas o que parece certo, dil-o ainda o *Seculo*, é que vae finalmente proceder-se a um largo inquerito ao ensino do Conservatorio e consequentemente, dizemos agora nós, á remodelação radical da carunchosa casa dos Caetanos.

Se assim fosse, abençoados concursos e abençoados escandalos! Mas não nos deixemos embalar em doces fantasias. O tal inquerito não deixará de fazer se, ou pelo menos começar-se, para satisfação de vencidos, que o não sabem ser.

Depois... ficará tudo como d'antes!



## No Politeama

O concerto de domingo 7 de dezembro no novo theatro *Politeama* reclamava um artigo muito mais extenso do que as condições da nossa revista permitem n'este momento. Effectivamente esse concerto não era uma novidade apenas pela sala em que o deram, como tambem pelo regente que o dirigiu, factos estes de extrema raridade entre nós e portanto dignos de larga apreciação. Façamos, porém, como nos é permitido, tratando cada assumpto separadamente: theatro novo e regente novo.

O *theatro* — A nossa apreciação a tal respeito não aspira a ser a de um tecnico da architectura; é meramente a de um espectador que gosta de ouvir musica dos logares mais altos mas, ao mesmo tempo, menos desconfortaveis. Os sons tendem a subir, a maior distancia a que se ouvem trã-los devidamente destrinçados e não confusos; a audição torna-se por isso mais perfeita e mais completa n'esses logares elevados. Acresce ainda que, no nosso paiz, e provavelmente n'outros ainda, a menor elegancia das pessoas que frequentam taes logares leva-as a fallarem menos e a ouvirem e a deixarem ouvir melhor a musica. Todas as vantagens artisticas se reúnem portanto nesses sitios de maior altitude phisica e intelectual, creando atmospheria superior à d'outros pontos do theatro.

Ora a nova casa despectaculos tem, para nós, o inconveniente de phisicamente nos fazer subir mais do que esperavamos. E a razão é obvia. O architecto dispunha de pequeno espaço para dar grande lotação ao theatro, desinvolvendo-o em comprimento; desinvolveu-o, pois, em elevação e, por causa da pequena distancia que vai do panno de bocca ao fundo da sala, forçou a altura dos varios degraus que se escalam desde a platéa até à crista do gallinheiro, estreitecendo-os por vezes com prejuizo de quem tenha as pernas um pouco mais compridas do que as tinham Napoleão, Thiers e outros grandes homens que nunca se mediram a palmos. Afóra esta circumstancia que concorre para tornar antipatico o aspecto da nova sala, todos dizem que ella se presta muito bem aos espetaculos musicaes por ser em extremo sonora. Queremos crêr que assim é, porque ouvimos admiravelmente os effeitos de maximo *pianissimo*; outro tanto porém nos não succedeu com os cheios de orchestra, provavelmente em virtude da pequena affluencia de espectadores. Quando o theatro esteja de todo cheio, então poderemos completar o nosso juizo.

De passagem diremos que nos surpreendeu a falta de publico a um concerto que reunia excepcionaes condições de interesse artistico. Não será possivel haver em Lisboa dous concertos de orchestra por dia?...

O *novo regente*. — Esse interesse resultava principalmente de ser portuguez o regente que inaugurou a serie de concertos prometidos pela *Politeama*, de ser elle um moço saído do nosso Conservatório, subvencionado pelo Estado para completar a sua educação artistica na Allemanha e que

lá, e não em Paio Pires, fez especiaes estudos de direcção de orchestra. Este nosso conterraneo, sr. David de Souza, era um alumno premiado de uma escola nossa e a sua apresentação perante o publico de Lisboa devia fazer nascer grande curiosidade e o maior interesse. E isto ainda pelo facto de não abundarem entre nós os directores ou regentes de orchestra. Que sabamos até hoje, só Francisco de Lacerda fez falar de si nesta especialidade. Mas esse deixou Marselha, cuja direcção de concertos ganhou por concurso contra muitos candidatos franceses e, em lugar de vir para Lisboa onde a sua presença podia prestar grandes serviços em todo o campo da arte musical, foi para a Ilha das Flores descansar de uma longa campanha de trabalhos artisticos, feita com alma e singular energia em meios sociaes de grande elevação e de tremenda concorrência professional. O sr. David de Souza é pois o segundo portuguez que, seguindo as pisadas do seu conterraneo insular, se dedicou á arte de regente de orchestra e a estudou como especialidade tecnica independente.

Fisicamente são diversos esses dois chefes, ou conductores de orchestra. Francisco de Lacerda, meão de altura, usando longa gaforina e barba inteira, orienta a sua figura no sentido de Nikisch: romantico mas *ténébreux*. David de Souza, alto, desempenado, aparece-nos com a tradicional cabeleira á Liszt e de cara rapada como, por não poder ser d'outra forma, usava o nobre musico de Weimar; romantico tambem, mas sem a mesma pretensão a fatalidades. São porem ambos elles dois verdadeiros conductores de rebanhos musicaes e isso denunciou-o David de Souza desde a primeira entrada em materia no Concerto de domingo. Porque, embora a sua orchestra reúna em grande parte os principaes elementos profissionaes existentes em Lisboa, é certo que se não obteem os resultados a que o maestro chegou, logo de entrada, sem reaes facultades de vontade, sensibilidade, elevação artistica e poder de sugestão nos executantes. Tudo isso nos revelaram as varias formas por elle empregadas na regencia do programa do concerto, não ha a menor duvida.

Nós estamos habituados a execuções em que a maleabilidade dos movimentos, a gradação nas expressões, o ataque das frases e em geral toda a exteriorisação tecnica nos leve a dizer que o regente *toca* orchestra como um rabequista e um pianista tocam os seus instrumentos. David

de Souza deu-nos porem essa impressão, a de um profissional da especialidade. Acresce que nos revela ainda uma notavel sensibilidade artistica tanto no desprezo de efeitos banaes empregados pelos vulgares *batteurs de mesure*, como pela maneira como termina as frases e lhes gradua a expressão. Deixamos de ouvir os violinos apoiando grosseiramente na ultima nota de cada frase e as violencias baratas de contraste de *forte* e *piano*. O novo regente apparece-nos realmente como um artista de excelente escola, seriamente orientado apesar da cabeleira e cheio de vigor e ardor artistico apesar de vir de lá das bandas do norte.

E sinceramente o felicitamos, desejando que fique entre nós, que o saibamos aproveitar porque vem preencher uma lacuna que de ha muito reclama quem a preencha.

Especializando a execução dos varios trechos do programa, falaremos do delicioso *Scherzo* da sinfonia de Borodine e do seu *Final*, uma especie de *Ronda*, de themas populares, peças estas que o publico infelizmente não percebeu, mas que são sem duvida alguma notabilissimas; e de todo o poema sinfonico do sr. João Arroyo, que David de Souza estudou e interpretou com especial carinho, pareceu-nos. A notar a execução do *Solo* de rabeca no II *tempo* pelo sr. Thomás de Lima. O publico bisou este trecho.

E agora até domingo proximo.



## Invenção

DOS

### pistons applicados aos instrumentos de metal

A Michel'angelo Lamber-  
tini como prova de affectuosa  
estima e subido apreço offe-  
rece

22-11-913

Alfredo Borges da Silva.

A origem dos instrumentos que consti-  
tuem as orquestras é tão obscura, que de-  
balde se tenta descortinar, perdendo-se na  
noute do passado. Podemos designar como  
os mais antigamente usados a flauta e  
oboé, instrumentos campestres, fabricados  
ora com os ossos d'animaes, previamente  
limpos, ora de caniços, e cujos primeiros  
constructores foram os pastores dos tem-  
pos prehistoricos. A trombeta ou clarim,

em todos os tempos instrumento guerreiro  
e alarme dos combates, seguir-se-lhe-ia,  
bem como os instrumentos d'arco e corda,  
que se prestavam tanto a acompanhar o  
canto e danças, como á expressão do senti-  
mento; todavia, pela sua factura mais de-  
licada e difficil parece que appareceram  
sómente n'um periodo de civilisação mais  
adiantada.

Antes da adaptação dos pistons ou cy-  
lindros aos instrumentos de metal empre-  
gados nas nossas orquestras, bandas e  
fanfarras, tinham esses instrumentos a  
seguinte nomenclatura: TROMPA lisa ou  
de mão, que é ainda usada por alguns  
tocadores, allegando-se em seu favor  
maior pureza de som. Léon Pillaut, antigo  
conservador do Museu do Conservatorio  
Nacional de Musica de Paris, na sua obra  
«INSTRUMENTS ET MUSICIENS» fala de um  
alemão de nome Haltenhorf que inventou  
um modêlo de trompa com varas (À COU-  
LISSE). Foi este mesmo inventor que em  
1796 applicou varas ao clarim. TROMBONE  
de varas, contralto, tenor e baixo. Cumpre  
acrescentar que este instrumento está  
hoje quasi abandonado, sendo substituido  
pelo de pistons que é muito mais commo-  
do e facil. Algumas orquestras de concerto e  
bandas marciaes ainda actualmte fazem  
uso dos trombones de varas. Nas bandas  
militares antigas usou-se e ainda hoje se  
usa na Allemanha e na Belgica um trom-  
bone baixo, cuja campana representa uma  
cabeça de dragão; chamavam-lhe os nos-  
sos musicos, *trombone de bicha*. CLARINS  
LISOS. Rareiam n'alguns paizes os toca-  
dores, por isso muitas orquestras não os teem,  
sendo a sua falta preenchida por cornetins.  
OPHICLEIDE, por corrupção chamam-lhe  
vulgarmente *figle*. SERPENTÃO, instrumen-  
to antigo, usado desde o seculo XVIII até  
aos principios do seculo passado; era de  
madeira, em forma de espiral, imitando  
uma serpente, e tocava-se com bocal de  
marfim. CORNETA DE CHAVES (em differen-  
tes tons) que foi derivada do clarim liso,  
ao qual se fez o addicionamento de 7 cha-  
ves, como na flauta e mais instrumentos  
de madeira. Tendo sido um fabricante in-  
glez, de nome José Halliday o vulgarisa-  
dor da idéa, recebeu o nome de *bugle horn*  
ou simplesmente *bugle*, que significa *cor-  
neta*.

Georges Kastner (1) no seu livro «Ma-  
nuel Général de Musique Militaire» a pa-

(1) Kastner (Jean-Georges), compositor, musicogra-  
pho, theorico e sabio distincto, nasceu em Strasbourg a  
9 de Março de 1811 e falleceu em Paris a 19 de Dezem-  
bro de 1867. Tocava todos os instrumentos e sabia um

ginas 189, faz menção de um artista chamado Weidenger que em 1803 adaptou chaves ao antigo clarim, creando assim o instrumento a que se deu o nome de bugle ou clarim de chaves. Não nos parece fóra de proposito citarmos os nomes dos seguintes fabricantes, que tambem fizeram modificações no bugle: Alexandre Firchot (1810), Antoine Halary (1817) e Adolpho Sax, (2) cujos saxhorns não são mais que uma variante do bugle.

Dando por terminada a resumida exposição que fizemos dos instrumentos de vento, que precederam a invenção dos pistons, vamos em seguida tratar d'este importante melhoramento:

Deve-se a invenção dos *pistons* ao oboista da Silesia Blühmel e ao trompista allemão Henrique Stœlzel.

A trompa foi o primeiro instrumento que teve *pistons*, visto que foi ella mesma a causa d'essa innovação. Foi no anno de 1814 que Stœlzel imaginou remediar o defeito dos sons fictícios, juntando-lhe dois pequenos tubos supplementares que fizessem baixar um tom ou meio tom as notas abertas ou naturaes, obtendo assim as intermediarias sem ter de produzil-as com o artificio da mão mettida na campana, permitindo que se produzisse uma escala chromatica, composta unicamente de sons abertos. Foi esta a origem dos instrumentos de *pistons*, que originaram uma revolução no systema dos instrumentos de metal, fazendo com que a sua execução fosse mais perfeita, muito mais facil e de maiores recursos; d'ahi resultou a rapida vulgarisação que actualmente é enorme e universal.

(Continúa.)

ALFREDO BORGES DA SILVA.

grande numero de linguas. Deixou 9 operas, 15 peças symphonicas e bastantes composições vocaes e instrumentaes. E' de grande valôr para os musicos militares a sua obra intitulada, «Manuel Général de Musique Militaire».

(2) Adolpho Sax, filho primogenito do fabricante Charles Joseph Sax, nasceu em Dinant (Belgica) a 6 de Novembro de 1814. Proseguindo os trabalhos encetados por seu pãe e para melhor se occupar dos aperfeiçoamentos a introduzir na sua arte, aprendeu a tocar alguns instrumentos. O primeiro melhoramento que realisou foi nos clarinetes: contralto e baixo (1835 a 1848). Tendo descoberto a lei das proporções que regula os timbres, fundou no anno de 1842 em Paris um novo estabelecimento. Allí no meio de bastantes difficuldades, de espoliações e de processos que lhe intentaram os seus rivaes, classificou em familia os instrumentos da mesma ordem; aperfeiçoou o *bugle*, ao qual deu o nome de saxhorn; inventou o saxotromba em 1843, o saxophone, a saxtuba em 1850, introduzida na opera *Judeu errante*, de Halevy, e em geral todos os instrumentos que usam o seu nome. Adolpho Sax exerceu o logar de professor de saxophone no Conservatorio de Paris.



## Cartas a uma senhora

192.<sup>a</sup>

De Lisboa.

N'este lindo e claro Dezembro que vae correndo, com revoadas de caras bonitas a encherem as ruas, e ondas de luz ridente a doirarem o ar, nós os habitantes da tão encantadora embora tão mal tratada capital dos lusos não temos em verdade grandes motivos para rabujar.

Mas a verdade tambem é que agora mesmo me passam pelos olhos estas melancolicas linhas d'um soneto de Campoamor.

*«Solo el dolor con el dolor alterna,  
Y si al contarla à dias es mui larga,  
Midiendola por horas es eterna.»*

E da propria alegria que eu outro dia aqui lhe encarecêra, leio em Lamartine estas palavras que são desconcertantes:

*«La gaité est amusante, mais au fond  
c'est une jolie grimace. Qu'y a-t-il de gai  
dans le ciel et sur la terre? Le bonheur  
est triste lui-même quand il est complet,  
car l'infini est sublime et le sublime n'est  
pas gai.»*

Ora eu que tenho uma absoluta admiração pelo divino auctor da *Graziella* e que, demais, não sou alegre, creio que o meu querido poeta exagera, tanto pelo menos como exagerou o inconfundivel auctor dos *Doloras*, pois sempre haverá na vida de todos nós um momento de jubilo, que será para alguns o momento supremo de entrarem na paz da morte...

Vinha porém dizendo que n'este lindo e claro Dezembro a vida aqui corre macia e calma com o que de nenhum modo pretendo negar a existencia de reaes e profundas magoas, de intensas e lancinantes amarguras — em muitos lares e em numerosos peitos.

Sómente, se juntarmos a este aspecto triste um scenario tragico, em que nuvens

se encastellam, trovões ribombam, raios fusilam e vendavaes rouqueijam, sempre a desgraça e o infortunio serão maiores.

Aquí ao menos, com este sorriso das coisas da terra e esta luminosidade dos fluidos do ceu, parece que todas as dores serão mais supportaveis e todas as torturas ferirão, mas suavemente. A propria miseria, avassaladora e rude, não pesará tanto sobre os desgraçados seres que na vida seguem curtindo fomes e padecendo sedes.

O sol «fogão dos pobres» aquecendo os corpos como que tambem aquece as almas.

Talvez por isso, talvez porque a Arte dispõe bem e eu tenho os ouvidos mergulhados ainda nas harmonias cerulas d'um quintetto de Schumann e de uma sonata de Beethoven, com que os benemeritos artistas que constituem o sextetto do Salão Olympia ha pouco me regalaram, o facto é que vibram dentro de mim ethereos sons tudo envolvendo no seu subtil encanto.

E como se para completar esta especie de eurythmia esthetica fosse preciso contentar os olhos, que aliás tão donairosas e ideaes figuras femininas soffregamente tem admirado, o pintor João Cabral quiz juntar á nota d'arte que da musica eu recebêra a que das suas aguarelas resalta.

E eu pude egualmente embevecer a vista na contemplação de algumas apreciaveis *manchas* onde a paisagem, os costumes, os aspectos da terra de Portugal e trechos exóticos da terra estranha, largamente documentam as qualidades de factura, os dons de emoção, a sensibilidade de retina que individualisam o antigo discipulo d'esse chorado e inolvidavel mestre que se chamou Silva Porto.

A' distancia a que me encontro do periodo em que funcionou a exposição de João Cabral de nada serve já fortalecer com exemplos a impressão que em provocaram os trabalhos do sympathico artista. Quero todavia, entre tantos quadrinhos deliciosos, especialisar os que no catalogo tinham o n.º 3 Casa rustica, Mucifal, Colares; o n.º 8 Casal do Ferrolho, Galamares; o n.º 16 Arribana, Quinta do Vinagre, em Collares, que ainda inspirou ao pintor varios outros trabalhos cheios de verdade e de vida; os n.ºs 18 a 20 respectivamente Invalido, Sado e Moinhos, Espinho; o n.º 72, Tarde de inverno, Leça da Palmeira; o n.º 83 Madrugada no Mondego; o n.º 95 no Choupal; o n.º 109 domingo do Tejo; o n.º 116 a casa da Mariana; o n.º 133 caminho em Aguas Santas, Porto; o n.º 135 rio de Vilarinho; o n.º 137

entrada de pateo: e o n.º 143 estrada d'arvores, Thomar.

Em todos estes que tão rapidamente deixo apontados, e em outros em que João Cabral estudou ora a paisagem do mar e os seus aspectos, ora a paisagem da terra e os seus recantos, passando pelos barcos e pelas arvores que fixou, quem percorreu sem idéa preconcebida a relativamente avultada *obra* do artista pôde reconhecer-lhe faculdades de trabalho, de estudo, de observação, que em toda a parte são valores que contam, e que entre nós, gente de *far niente* constituem quasi excepções inconcebiveis.

Possa a atmosphaera indispensavel á vida das artes ir-se pouco a pouco intensificando por cá de maneira a tornar possível a existencia de quantos sonham *viver essa vida*, e João Cabral será dos que muito honrarão a gloriosa irmandade a que pertence.

Nas democracias incipientes como a portuguesa, é incalculavel o influxo que o factor artistico pôde exercer. Só elle consegue dar convergencia, sociabilidade, tolerancia a uma sociedade, e a nossa, que tão inimizada se encontra, mais do que qualquer outra carece d'esse viatico sagrado porque se as escolas politicas ou religiosas vão até ao ponto de dividir as consciencias e de incompatibilisar as pessoas, as manifestações artisticas, ainda quando accusam tendencias contradictorias e oppostas ou servem estheticas ineditas ou ignoradas, se assentam n'um fundo emocional humano e agitam as fibras do nosso *eu* sensível; se não obstante pretenderem falar ás intelligencias não se descuidarem de commover os corações, aggregarão sempre á sua volta as mais desencontradas correntes de creaturas que em qualquer parte do mundo em que palpitem, sempre disporão tambem de alguns instantes para elevarem o espirito até essas regiões elyseas e cristalinas onde a Belleza eternamente canta a divina canção da Felicidade e do Amor.

Por mim reputo benemeritos os que labutam n'esta cruzada, e sem detrahir a tarefa dos politicos que estudam, dos sabios que investigam, dos profissionaes que mourejam, considero os artistas os augustos depositarios da unica doutrina de pacificação e de concordia que, no affluxo mais ou menos gregario das multidões de agora, pôde estabelecer um pouco de ordem ideal e de sympathia communicativa entre os elementos que as formam, o que é uma virtude soberana.

Ora possuir a virtude por atacado de

certo que deve ser excellente; mas, para os usos communs, afigura-se-me preferível troca-la em miudos, — como o dinheiro, porque serve mais gente. Esta é uma das funcções da arte.

Não está de accordo, querida amiga?

AFFONSO VARGAS.



Em 27 de novembro realisou-se na Academia de Amadores o 145.º concerto da 31.ª serie.

A orchestra d'arcos, sob a direcção de Pedro Blanch, tocou um *Andante* de Gounod, o *Minuetto* de Bocherini, que foi bisado e o *Cantico das flores* de Armando Leça, delicada composição que continuou accentuando as qualidades artisticas do moço e progressivo auctor.

A solo fizeram-se escutar com agrado e applaudir com justiça as senhoras D. Irene Freitas no violoncello, D. Benedicta Santos no violino, e Lourenço Varella Cid Junior no piano, executando a primeira o *Doux Souvenir* de Georges Papin, a segunda a *Légende* de Wieniawski e o terceiro, um preludio de Debussy e *Les Abeilles*, de Dubois.

Como cantores, D. Ermelinda Cordeiro detalhou a primor, n'uma voz quente e forte, um trecho do *Sansão e Dalila*; e Alfredo Mascarenhas nos *Palhaços* e na *Africana* patenteou os recursos da sua educação e da sua technica.

Pela concorrência que era grande afigura-se-nos que voltou a Academia aos seus tempos aureos, e oxalá nos não enganemos, pois não póde ser mais sympathica a missão que ha tantos annos ella vem exercendo com tão larga copia de sacrificios e de esforços.

\*\*\*

Com exito nunca desmentido proseguem no Porto os concertos de musica de camara, promovidos por Moreira de Sá.

O de 28 do mez passado, tinha no programma apenas dois *Trios* — a obra 25 de Beethoven para flauta, violino e violeta, e a obra 40 de Brahms para piano, violino e violoncello.

Tomaram parte na execução d'estas obras as sr.<sup>as</sup> D. Orizia Pimentel (piano), D. Laura Barbosa (violeta), e os srs. Moreira de Sá (violino), José Gouveia (violoncello) e José Barbosa (flauta).

\*\*\*

Nos sabbados 29 de novembro e 6 do corrente realisaram-se no Olympia os 3.º e 4.º concertos de Musica de Camara.

Os executantes vão pouco a pouco fundindo se melhor, a ponto de na audição se notar uma differença sensivel no conjunto das obras. Ha ainda a cuidar um pouco do equilibrio das sonoridades para não acontecer o que se deu no adagio do quartetto n.º 1 de Beethoven com a phrase do segundo violino, repetição da phrase inicial, e que foi prejudicada pela sonoridade pouco discreta dos outros instrumentos. O andante do quartetto n.º 4 pareceunos um pouco vivo. Temos a impressão de que deve ser executado no tempo do andante da 1.ª symphonia, dada a extraordinaria semelhança que se observa na factura dos dois trechos. O adagio do quartetto n.º 1 tambem nos parece que produziria mais effeito logo que fosse executado um pouco mais lento.

Não resta porem duvida que ambos estes andamentos foram executados com grande sobriedade, optimo claro-escuro e afinação.

Na sonata de Cesar Franck, essa obra monumental que não empalidece junto da sonata à *Kreutzer*, mostrou o sr. Forsini o seu inegavel talento e optimos dotes violinisticos, sendo brilhantemente secundado por José Bonet que n'esta sonata tem uma das suas mais bellas coroas de gloria.

A suite de Moszkowski, que os artistas do Olympia nos fizeram ouvir pela primeira vez é uma obra para se aquilatar bem do valor dos executantes mas que pouco ou nenhum interesse offerece.

De resto tanto no quartetto de Schumann para piano e cordas que foi executado com brilhantismo e apreciavel technica como na sonata *Clair de Lune*, delicadamente interpretada por Bonet, mostraram os artistas a boa vontade que teem em proseguir no seu tão sympathico como util empreendimento.

L. C.

\*\*\*

Em 6, o Club Moderno offereceu aos seus socios um novo concerto. Além da sempre justamente applaudida cantora D. Ermelinda Cordeiro, que foi admiravel em trechos classicos antigos e modernos, Armando Leça fez ouvir algumas compo-



sições novas, *Bruma que passa* para piano, e *Pastoral* para violoncello, tocando elle proprio a primeira e tocando a segunda a sr.<sup>a</sup> D. Irene Freitas.

As meninas Emma Torres Gomes, Lucinda dos Santos Vieira e Maria Helena Varela Cid disseram a primor lindos versos de Fernando Caldeira e Affonso Lopes Vieira, e um principiante de violino, quasi uma creança, Humberto Fontoura Madureira, revelou nos trechos executados qualidades de som e segurança de afinação que permitem formular pelo seu futuro as mais animadoras esperanças, se puder continuar a dedicar-se a tão ingrato mas tão delicioso instrumento.

E como *primeur* teve a selecta assistencia, que enchia as salas do Club, o prazer de ouvir o sr. Rodolpho Silligardi, discipulo do illustre professor de canto, o maestro Codivilla.

Dotado d'uma formosa voz de tenor, d'um timbre delicioso, d'uma maleabilidade e d'uma egualdade de registo que não são vulgares, o sr. Silligardi afigura-se nos ter diante de si uma brilhante carreira a seguir e talvez não tardem muitos annos que o seu nome passe a ser saudado por mais auctorisadas palavras que aquellas que aqui agora ficam como homenagem ao estudo sincero que elle mostra fazer, e ao dom privilegiado que da natureza recebeu e que estamos certos elle saberá valorisar, o que será uma alegria para elle, para o illustre professor que lhe educou a voz e para nós publico.

\* \* \*

Do concerto de 7 no theatro da Republica, com a orchestra dirigida pelo sr. Pedro Blanch, não tivemos noticias directas, por imprevisto impedimento da pessoa que estava indicada para representar esta revista.

\* \* \*

N'esse mesmo dia 7, realisou se tambem no Porto um concerto symphonico, o segundo dos que tem sido alli diligentemente regidos pelo professor Raymundo de Macedo.

Tanto d'esse, como do primeiro que se havia effectuado em 23 do mez anterior, nos não podemos occupar agora. Devemos deixar a palavra ao nosso illustre correspondente n'aquella cidade, que por motivos sobejamente justos não poude até agora reatar as suas interessantes cartas.

Elle dirá de sua justiça, quando possa volver a honrar estas columnas com os seus sempre bem acolhidos escriptos.

Sobre o concerto do Politeama, effectuado na mesma data, publicamos n'outro logar mais desenvolvida noticia.

\* \* \*

No Salão do Conservatorio, realisou a Academia de Amadores, em 8, um novo sarau para apresentação de alumnos de canto, arte de dizer e instrumentos. Antes da parte musical, deve ter-se effectuado uma conferencia sobre *Musica Sacra* pelo rev. Manuel José dos Santos Farinha.

Tendo-se extraviado a carta de convite, que só mais tarde chegou ás nossas mãos, vimo-nos privados de assistir a esta festa, como desejaríamos.

\* \* \*

A 18.<sup>a</sup> sessão de musica de camara na sala Mello Abreu (Porto) teve logar em 9 com um programma devéras interessante — o segundo *Quarteto* de Fauré para piano e arcos e uma *Suite* de peças do seculo XVIII na segunda parte (*Sonata* de Haendel, *Sarabanda* de Leclair e *Allegretto pastorale* de Giardini, todas para violino com acompanhamento de piano).

O quarteto teve por interpretes as senhoras D. Orizia Pimentel e D. Laura Barbosa, com os srs. Moreira de Sá e José Gouveia. Quanto ás peças antigas foram executadas pelo professor Moreira de Sá, sendo acompanhado ao piano por sua illustre filha, a professora D. Leonilda Moreira de Sá e Costa.

A seguinte audição deve ter-se realisado hontem, 14.

\* \* \*

Nos dias 11 e 13 effectuaram-se, promovidos pelo *Orpheon Portuense* os concertos de Mad. Mary Mayrand, cantora de Paris.

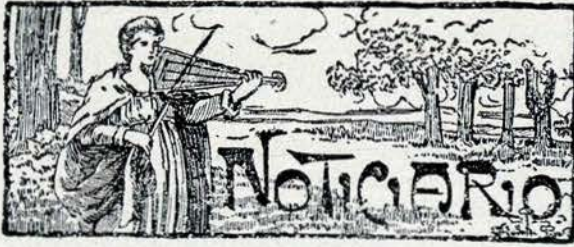
No primeiro programma, unico que temos á vista, mencionam-se 18 trechos de auctores antigos e modernos, quasi todos consagrados.

O acompanhador ao piano era o sr. Pierre Augiéras.

Dizem os jornaes do Porto que Mad. Mary Mayrand se distingue pela magnifica escola, facilidade de emissão e maneira impecavel como phraseia. Conta, ao que parece, entre as melhores cantoras de concerto que tem visitado o Porto.

\* \* \*

No 5.<sup>o</sup> concerto do Olympia, em 13, do qual daremos conta no proximo numero, executaram-se: o *Quinteto da truta* de Schubert, um *Trio* de Beethoven e o *Quarteto* de J. Neuparth.



## PORTUGAL

Está de novo entre nós o professor Benetó, que já retomou os seus trabalhos de leccionação. A serie dos seus concertos em Espanha valeu-lhe os mais legitimos triumphos e dos de Valencia, que nos foram communicados pelos jornaes locais, *Las Provincias* e *El Pueblo*, sabemos que tiveram para o estimado artista o valor de uma completa consagração. Apresentou-se Benetó em tres salas diversas, o Conservatorio, Musical Art, e theatro Eslava, tendo sempre enchentes colossaes e ovações entusiasticas.

A ultima d'aquellas folhas define o artista nos seguintes elogiosos termos: «Benetó és el artista de gran corazón que estudia la obra, la pulsa, se identifica con ella y la ampara al fin con el fuego de su alma meridional.»

\* \* \*

A Parceria Pereira acaba de lançar no mercado um novo livro do visconde de Sanches de Frias, tendo por assumpto *Arthur Napoleão, sua vida e arte*. Crêmos ser a primeira obra que se publica sobre o eminente pianista portuguez, ha tantos annos domiciliado no Brasil. Vamos lê-la com o maximo interesse, e agradecemos entretanto ao seu illustre auctor a captivante lembrança de nos offerecer um exemplar.

\* \* \*

Communica-nos o sr. Ernesto Vieira que do cemiterio oriental, onde existia um jazigo erigido por alguns amigos á memoria do grande artista portuguez, Joaquim Casimiro, desapareceu esse singelo mas significativo monumento sem se saber quem o alienou e com que direito o fez.

Não nos admira o desrespeito pelas cinzas d'um musico illustre: condiz com a consideração que se liga aos vivos. Mas o que não pode passar em julgado é que uma venda se effectue, sem que os legitimos donos a auctorisem. E n'este caso,

parece que os legitimos donos são os admiradores do grande musico, que erigindo á propria custa o jazigo, quizeram assim prestar ao extinto uma homenagem que julgaram perduravel.

Certo é que o jazigo de Casimiro, aqui reproduzido em gravura ha annos, já lá não existe, ignorando-se até agora a quem incumbe a responsabilidade de tão extranho caso!

\* \* \*

Recebemos as seguintes publicações que folheamos com summo interesse e cuja offerta muito nos penhorou.

*Amos*, collecção de scintillantes versos de João Maria Ferreira, o laureado poeta da *Manhã* e do *Hymno á Primavera*.

*Paginas de album*, assignadas pelo mesmo auctor e entre as quaes se contam poesias dedicadas a apreciados musicos, como D. Adelaide e Theophilo Sagner, D. Maria Albertina, Manuel e Antonio Silva, João Queriol, D. Clara e Alberto Sarti.

*O canto coral nas escolas*, primeiro volume de uma nova collecção do padre Thomaz Borba. E' mais um serviço, e não leve, que o estudioso artista presta á arte patria diffundindo nos collegios infantis os cantos faceis e melodosos e as poesias moralisadoras ou simplesmente educativas. Este primeiro volume contem pequenas canções a uma só voz e alguns canones a duas.

*Questão d'Ambaca*, por Augusto Gama. E' uma contestação documentada de accusações feitas á Companhia dos Caminhos de Ferro atravez d'África. Apesar de ser assumpto que sae fora do campo da nossa especialidade, não podemos deixar de agradecer a amabilidade do envio.

*Mundo moral*, primeiro numero de um interessante periodico destinado a combater o alcoolismo, o tabagismo e a desmoralisação social — jornal portanto que merece uma larga diffusão.

\* \* \*

A camara municipal do Porto adoptou como hymno official uma composição do sr. Jacintho Figueira, chefe da banda da Guarda Republicana d'aquella cidade.

Os versos são de Maximiano Ricca.

\* \* \*

Dos concursos ultimamente effectuados no Conservatorio só pudemos assistir ao de canto e esse revestiu um desusado brilho. Qualquer das quatro senhoras que a

elle concorreram teria direito a uma pensão de estudo, se por fortuna o Estado pudesse e quizesse ampliar a sua esphera de acção, no sentido proteccionista e altamente louvavel em que se orientou a lei dos pensionatos. Infelizmente a verba é acanhada e devemos contentar-nos em premiar os excepcionalmente dotados. E está realmente n'este caso a sr.<sup>a</sup> D. Cacilda de Sá Pereria, que obteve a mais elevada classificação não só do canto, mas de todos os concursos agora realizados.

Soprano ligeiro de recursos raros, voz quente e bem timbrada, afinação justa, phraseando com arte e sentimento, possui esta gentil senhora, a nosso ver, todas as qualidades que se requerem para, com algum tempo de aperfeiçoamento em paizes de mais desenvolvida cultura, conquistar um logar eminente ao lado das mais cotadas celebridades lyricas.

Felicitamol-a sinceramente e não podemos deixar de envolver n'esta homenagem o nome da sua illustre professora, sr.<sup>a</sup> D. Carolina Palhares, para quem a arte do *bel-canto* não tem misterios e que acaba de dar a prova mais peremptoria do seu grande valor e consciencia de leccionista eximia (1).

\* \* \*

Sobre a *Quinta Symphonia* de Beethoven, agora executada no Porto pela orchestra Raymundo de Macedo, publica o sr. dr. Aarão de Lacerda no *Primeiro de Janeiro* um substancioso artigo ácerca do grande mestre de Bonn e dos seus precusores Haydn e Mozart.

\* \* \*

*Theatro* é um novo semanario, de que temos á vista os tres primeiros numeros e que parece destinado a um bom exito, se mantiver, como é de esperar, a linha de conducta que vem definida no seu programma.

N'estes tres numeros ha artigos muito notaveis, como os que tratam do Theatro Nacional, dos concursos do Conservatorio, da critica artistica, etc.

E' director da interessante revista o sr. Boavida Portugal.

\* \* \*

Registremos que em 1 do corrente mez se cantou no theatro de S. Carlos, em re-

cita de gala, a opera em 1 acto do sr. Ruy Coelho, intitulada *O serão da infanta*. Nada podemos dizer do valôr d'esta partitura por não a conhecermos nem termos podido assistir á recita.

Os principaes interpretes foram D. Cesarina Lyra e o barytono Alfredo Mascarenhas, sendo os coros desempenhados por alumnos do Conservatorio.

\* \* \*

Estão no Porto, dando concertos, a distincta cantora, sr. D. Africa Cabral, e seu irmão o professor Aroldo Silva.

Alfredo Napoleão tambem ali deu um concerto em 30 do mez passado.

\* \* \*

Fechavamos este numero, quando recebemos um exemplar da ultima composição da sr.<sup>a</sup> D. Adelaide Saguer, talentosa amadora a que já nos temos referido em outras occasiões.

E' uma valsa lenta, *Le premier rêve*, cuja offerta muito agradecemos.

## ESTRANGEIRO

No recente livro de memorias *Mein Weg* a celebre Lilli Lehmann descreve as suas impressões da *première* do Ring em 1876.

O seu nervosismo era enorme durante o formidavel e longo accorde de mi bemol do prelude, e bastante justificado, por isso que, como 1.<sup>a</sup> filha do *Rheno*, a sua voz era a primeira a ouvir-se na gigantesca epopeia. Cantaram de graça alem de Lilli Lehmann e sua irmã Marie: o baixo Franz Betz e o tenor Niemann, Siegmund admiravel. Nos intervallos dos trabalhosos ensaios, juntavam-se ás vezes as tres filhas do *Rheno*: irmãs Lehmann e Minna Lammert, Hill (Alberich), Eilers (Fasolt), Betz e Felix Mottl e cantavam côros mixtos clássicos. Uma noite resolveram fazer uma surpresa ao rei Luiz que tinha ido a Bayreuth expressamente assistir aos ensaios. Dirigiram-se para o *Eremitage*, e, escondendo-se nos jardins, principiaram a serenata. A noite estava linda e o rei, encantado com a tocante e artistica manifestação, felicitou-os commovidamente offerecendo-lhes o retrato com dedicatória. Wagner durante os ensaios dava provas como é sabido de uma alegria infantil. Uma vez, saltando para a orchestra gritou: "Está ganha a causa. A acustica do meu theatro é excellente." A' noite reunia-se em Wahn-

(1) Consta-nos, á ultima hora, que tambem foram seus professores os srs. Mayer Guerreiro e Loriente, a quem igualmente felicitamos.

fried uma sociedade selectissima de celebridades artisticas, testas coroadas, principes e condes. *Lords e Ladies*. O genial auctor do Ring não estava positivamente á vontade em tão luzida companhia, e, sem as superiores qualidades de tacto social de madame Cosina Wagner, teria havido com certeza grave desavença entre Wagner e «le monde».

\* \* \*

A Associação Gluck, de Dresden, faz um apello a todos os theatros allemães para commemorarem dignamente o centenario de Gluck, que cahe a 2 de julho do anno proximo.

E pensarmos que no nosso paiz ainda se não conhece senão *uma* das operas do grande compositor!

\* \* \*

O tneatro de Bayreuth, que é preciso não confundir com a celebre scena wagneriana de *Festspielhaus*, foi obrigado a fechar as suas portas, para proceder a importantes transformações impostas pela auctoridade, taes como *rideau* metallico, escadas de pedra, etc.

Foi n'este theatro que Ricardo Wagner dirigiu a *Nona Symphonia* por occasião do lançamento da primeira pedra para a construcção do theatro das festas.

\* \* \*

*Sangue de Polacco* é uma nova opera que teve avantajado exito no Carltheater de Vienna d'Austria. O seu auctor é Oscar Nedbal, distincto chefe d'orchestra, e violtista do Quarteto Tchèque, que esteve ha dez annos em Lisboa, dando concertos em S. Carlos.

\* \* \*

As *Impressions d'Italie*, de Charpentier, que a *Grande Orchestra Portugueza* fez conhecer entre nós em 1908, foram agora adaptadas, com consentimento do auctor, a um grande bailado.

Estreiou-se este bailado em 22 do mez passado na *Renaissance* (Paris).

\* \* \*

Acaba de ser deposto o rei Otto da Baviera, irmão de Luiz II, o protector e entusiastico admirador de Wagner. A razão d'essa deposição é a mesma que originou o suicidio do amigo de Wagner — a loucura.

Succede-lhe no throno bavaro o principe

Luiz, a quem havia sido confiada a regencia por morte de seu pae, o regente Luitpold.

O rei Otto conta 66 annos e está sequestrado ha 40 annos no castello de Furstenried, proximo de Munich; é, como seu irmão, um grande amator de musica.



Poz termo a uma existencia um tanto aventureosa o professor Carlos de Mello, escriptor arguto e diligente investigador de assumptos artisticos.

A nossa revista deve-lhe algumas paginas interessantes e que bein revelam o entusiasmo que o intelligente amator punha em todas as questões que com a nossa arte se prendem, quer no dominio da pedagogia, quer no da esthetica ou da historia musical. Na musica pratica, cultivava o violoncello, em que era regular executante.

Carlos de Mello era sobretudo um geographo eminente e um espirito de rara lucidez e encyclopedismo.

Morreu com 53 annos.

\* \* \*

Temos noticia, á ultima hora, do fallecimento da sr.<sup>a</sup> viscondessa de Carnaxide, que registramos com profunda e sincera magua.

A seu esposo e filhos, e muito particularmente á sr.<sup>a</sup> D. Elisa Baptista de Sousa Pedroso, illustre pianista que todos admiram e respeitam, enviamos a expressão do nosso pezame por tão sensivel perda.

\* \* \*

Annunciam de Londres o fallecimento da insigne professora de canto, Mathilde Marchesi. Apesar de muito avançada em idade, 93 annos, ainda ha tres annos dirigia em Paris a famosa escola, d'onde irradiaram as maiores celebridades do mundo lyrico nos ultimos trinta annos.

Esta notavel leccionista, que na sua mocidade fôra excellent cantora de concerto, deixou varias obras da sua especialidade, entre as quaes um grande methodo e varias series de estudos e vocalisos. Em 1897 publicou as suas memorias, que fez editar em Londres.